que o anterior à queda, a tal ponto que a Igreja, na sua liturgia, não hesita bem-dizer a culpa que nos propiciou um Redentor como o Homem-Deus: "*Ó feliz culpa que nos fez merecer tão grande Redentor.*"

IV.I – SUA NATUREZA

77. Deus, que desde a eternidade previu a queda do homem, também desde a eternidade preparou um Redentor dos homens na pessoa de seu Filho. Este, decidiu fazer-se homem para tornar-se cabeça da humanidade. Desse modo, poderia expiar perfeitamente o nosso pecado, restituindo-nos, com a graça, todos os direitos ao céu. Portanto, soube tirar o bem do mal e harmonizar os direitos da *justiça* com os da *bondade*.

Não estava obrigado a satisfazer plenamente todos os direitos exigidos pela justiça. Bem podia ter perdoado o homem, contentando-se com a reparação imperfeita que este lhe poderia oferecer. Todavia, julgou ser mais digno de sua glória e proveitoso para o homem, colocá-lo num estado em que poderia reparar completamente a sua culpa.

78. A) A justiça perfeita exigia uma reparação *adequada, igual à ofensa*, oferecida por um *representante legítimo* da humanidade. Foi o que Deus realizou plenamente por meio da Encarnação e da Redenção.

a) Assim, Deus encarnou o seu Filho e o constituiu chefe da humanidade, cabeça de um corpo místico, cujos membros somos nós. Portanto, o Filho tem direito de fazer obras e de reparar em nome de seus membros.

b) Tal reparação não é somente *igual* à ofensa, mas imensamente a *supera*, por ter *valor moral infinito*, pois, como o valor moral de uma ação provém, antes de tudo, da dignidade da pessoa, todas as ações do Homem-Deus têm valor infinito. Assim, uma só de suas obras seria suficiente para reparar adequadamente todos os pecados dos homens. Contudo, Jesus fez inumeráveis atos de reparação, inspirados por seu puríssimo amor, e finalizou-os com o mais sublime e heroico: a imolação total de si mesmo em sua dolorosa Paixão e sobre o Calvário. Desse modo, satisfez abundante e superabundantemente. "*Onde abundou o pecado, superabundou a graça*" (Rm 5, 20).

c) Essa reparação é do mesmo gênero que a culpa. Adão pecou por *desobediência e orgulho*. Jesus expia por meio da *humilde obediência*, inspirada pelo *amor*, que foi até a morte, e morte de cruz (Fl 2, 8). E, assim como na queda interveio uma mulher para arrastar Adão ao pecado, também na Redenção intervém uma mulher com seu poder de intercessão e por seus méritos.[7] É Maria, a Virgem Imaculada, a Mãe do Salvador, que com ele coopera na obra reparadora, embora secundariamente. Assim, a *justiça* foi plenamente satisfeita e mais ainda a *bondade*.

79. B) Com efeito, as Escrituras atribuem a Redenção à infinita misericórdia de Deus e ao excessivo amor que Ele tem por nós. Diz São Paulo: "*Deus, que é rico em misericórdia, impulsionado pelo grande amor com que nos amou, ... deu-nos a vida juntamente com Cristo*" (Ef 2, 4-5).

---

7 Trata-se do mérito de conveniência, chamado *de côngruo*, que explicaremos adiante.

As três pessoas divinas concorrem na obra da redenção e, cada uma delas, com um amor que parece verdadeiramente chegar ao excesso.

a) O Pai tem somente um Filho, igual a si próprio, que ama como a si mesmo e por quem é infinitamente amado. Esse Filho único ele nos dá, sacrificando-o por nós, para restituir-nos a vida que havíamos perdido pelo pecado. "*Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna*"(Jo 3, 16). Acaso o Pai poderia ser mais generoso, dar mais que seu próprio Filho? E não nos deu todas as coisas com Ele? "*Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também com ele todas as coisas?*" (Rm 8, 32).

80. b) O Filho aceita jubilosa e generosamente a missão que lhe é confiada. Desde o primeiro momento da Encarnação, oferece-se ao Pai como *vítima* para substituir todos os sacrifícios da antiga Lei. Sua vida inteira será um contínuo sacrifício, culminado pela imolação no Calvário. Sacrifício que nasce do amor que nos tem. "*Progredi na caridade, segundo o exemplo de Cristo, que nos amou e por nós se entregou a Deus como oferenda e sacrifício de agradável odor*" (Ef 5, 2).

81. c) Para completar sua obra envia-nos o Espírito Santo, o amor consubstancial do Pai e do Filho, que além de derramar em nossas almas a graça e as virtudes infusas, especialmente a caridade, dá-se a si mesmo para que possamos desfrutar, não somente da sua presença e de seus dons, mas também da sua própria pessoa. "*Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*" (Rm 5, 5).

Portanto, a Redenção é por excelência obra do amor e esse fato permite-nos antever os seus efeitos.

IV.II – EFEITOS DA REDENÇÃO

82. Além de reparar, com a satisfação, a ofensa feita a Deus e de reconciliar-nos com Ele, Jesus *mereceu-nos* todas as graças que havíamos perdido pelo pecado e outras mais. Primeiramente, restitui-nos os *bens sobrenaturais* perdidos pelo pecado:

a) A *graça habitual*, acompanhada do conjunto das virtudes infusas e dons do Espírito Santo e, para melhor acomodar-se à natureza humana, instituiu os *sacramentos*, sinais sensíveis que nos conferem a graça nas circunstâncias importantes da vida, dando-nos, desse modo, mais segurança e confiança;

b) *Graças atuais*, de tal modo abundantes que podemos considerá-las mais abundantes que no estado de inocência, em razão das palavras de São Paulo: "*Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça*" (Rm 5, 20).

83. É incontestável que o *dom de integridade* não nos é restituído de uma única vez, mas *progressivamente*. A graça da regeneração não retira de nós as inclinações da tríplice concupiscência (nº 48) nem nos livra de todas as misérias da vida, mas dá-nos a força necessária para vencê-las; faz-nos mais humildes, vigilantes e ativos para prevenir e vencer as tentações; fortalece-nos na virtude e dá-nos ocasião de conquistar maiores *merecimentos*. Os *exemplos de Jesus*, que tão bravamente

levou a sua cruz e a nossa, quando postos diante de nossos olhos, estimulam nosso ardor na luta e mantêm nossa constância no esforço. As *graças atuais*, que Ele nos mereceu e concede com santa prodigalidade, notavelmente facilitam os esforços e as vitórias. À medida que lutamos, dirigidos e apoiados pelo Divino Mestre, a concupiscência diminui e aumenta a nossa capacidade de resistência. Chega o momento em que algumas almas privilegiadas são de tal modo confirmadas na virtude que, não obstante conservarem a liberdade de pecar, já não cometem qualquer falta venial de propósito deliberado. A vitória definitiva só ocorre quando chegamos ao céu, mas será tanto mais gloriosa quanto mais custosos tiverem sido os nossos esforços. Por isso, podemos dizer com razão: O *felix culpa!*

84. d) A esses auxílios interiores Nosso Senhor acrescentou outros *exteriores*, particularmente a *Igreja visível*. Fundou-a e organizou-a para: iluminar os intelectos com a luz de sua autoridade doutrinal; sustentar as vontades com o seu poder legislativo e judicial; santificar as almas com os sacramentos, sacramentais e indulgências. Acaso tudo isso não constitui um poderoso auxílio, pelo qual devemos dar graças a Deus? O *felix culpa!*

85. e) Enfim, não há certeza de que haveria Encarnação se não existisse o pecado original. A Encarnação é um bem preciosíssimo, por si só suficiente para justificar e explicar o cântico da Igreja: O *felix culpa!*

Em vez de um líder com grandes dotes, mas sem dúvida falível e pecador, temos por cabeça o Filho eterno de Deus, que, revestido da nossa natureza, é tão verdadeiro homem quanto verdadeiro Deus. É o *mediador ideal*, mediador de *religião* e de *redenção*, que adora o Pai não somente em nome próprio, mas também em nome da humanidade inteira e, ainda mais, em nome dos anjos, que têm a ventura de louvar a Deus por Ele (*per quem laudant Angeli*).[8] É o *sacerdote perfeito*, que por sua natureza divina tem livre acesso a Deus e com compaixão inclina-se para os homens, agora seus irmãos, aos quais trata com indulgência, pois está cercado das mesmas fraquezas que eles: "*Sabe compadecer-se dos que estão na ignorância e no erro, porque também ele está cercado de fraqueza*" (Hb 5, 2).

Com Ele e por meio dele podemos render a Deus as honras infinitas a que tem direito. Com Ele e por meio dele podemos alcançar todas as graças que precisamos para nós e para nossos irmãos. Quando adoramos, é Ele quem adora em nós e por nós; quando pedimos auxílio, é Ele quem apoia nossos pedidos. Por isso é que tudo o que pedimos ao Pai em seu nome, é-nos liberalmente concedido.

Portanto, devemos regozijar-nos por termos um tal Redentor, um tal Mediador, e depositar nele toda a nossa confiança.

CONCLUSÃO

86. Esse resumo histórico, acima exposto, destaca maravilhosamente a *excelência* da vida sobrenatural, assim como a *grandeza* e a *fraqueza* daquele que dela é beneficiário.

1° - A vida sobrenatural é excelente porque:

8 Prefácio da Missa

a) Tem sua origem em um *pensamento afetuoso de Deus*, o qual desde toda eternidade nos amou e quis unir-nos a Si numa doce intimidade: "*amo-te com eterno amor, e por isso a ti estendi o meu favor*" (Jr 31, 3).

b) É uma *participação real*, ainda que finita, da *natureza* e da *vida* de Deus, "*divinæ consortes naturæ*". (Ver nº 106)

c) É valorizada por Deus a tal ponto que, para no-la conceder, o Pai sacrificou seu único Filho, o Filho imolou-se completamente e o Espírito Santo desceu às nossas almas para transmiti-la.

Portanto, dentre todos é o bem mais precioso (*temos entrado na posse das maiores e mais preciosas promessas (II Pe 1, 4))*, que acima de tudo devemos estimar, preservar e cultivar com o máximo zelo: vale tanto quanto Deus!

87. 2º - Contudo, trazemos esse tesouro em um vaso frágil. Nossos primeiros pais, mesmo dotados do dom da integridade e cercados de toda a sorte de privilégios, desventurosamente o perderam. E não somente eles perderam, mas toda a sua posteridade. Então, quanto não devemos temer nós que, malgrado a nossa regeneração espiritual, continuamos sujeitos à *tríplice concupiscência*? Sem dúvida há em nós tendências *nobres e generosas* que procedem do que existe de bom em nossa natureza e, principalmente, da nossa incorporação em Cristo e das forças sobrenaturais que nos são dadas em razão dos seus méritos. Todavia, continuamos a ser *fracos e inconstantes*[9] se não nos apoiarmos naquele que é nosso braço direito e que, ao mesmo tempo, é também nossa cabeça. O segredo de nossa força não repousa em nós, mas em Deus e em Jesus Cristo. A história dos nossos primeiros pais e da lamentável queda mostra-nos que o maior mal, o único mal neste mundo, é o *pecado*. Portanto, devemos permanecer em constante *vigilância* para rechaçar, imediata e vigorosamente, os primeiros ataques do inimigo, venham de onde vierem, de fora ou de dentro. Destarte, estamos bem armados para enfrentá-los, como se demonstrará no capítulo a seguir, sobre a natureza da vida cristã.

CAPÍTULO II – NATUREZA DA VIDA CRISTÃ

88. Por ser uma participação da vida de Deus em razão dos méritos de Jesus Cristo, a vida sobrenatural por vezes é definida como "*a vida de Deus em nós*" ou "*a vida de Jesus Cristo em nós*". Estas expressões estão corretas contanto que sejam bem explicadas, de modo a evitar-se qualquer vestígio de panteísmo. Na realidade, não temos uma vida *idêntica* à de Deus ou à de Jesus Cristo, mas apenas uma *semelhança*, uma *participação finita* dessa vida, embora seja real.

Portanto, podemos defini-la como "*uma participação da vida divina, conferida pelo Espírito Santo que habita em nós, em virtude dos méritos de Jesus Cristo, a qual devemos cultivar e defender contra as tendências opostas.*"

89. Facilmente se observa que nessa vida sobrenatural Deus exerce o papel *principal* e nós o *secundário*. É Deus, o Deus da SS. Trindade (também chamado de Espírito Santo), que pessoalmente vem nos conferir essa vida, pois somente Ele

9 Essa grandeza e essa baixeza do homem foi muitas vezes descrita pelos pensadores cristãos, sobretudo por Pascal; *Pensées*, nºs 397 – 424, ed. Brunschvigg.

pode tornar-nos coparticipantes da sua própria vida. Ele no-la comunica em razão dos merecimentos de Jesus Cristo (nº 63), que é a causa meritória, exemplar e vital da nossa santificação. Embora seja verdadeiro que *Deus vive em nós*, que *Jesus vive em nós*, a nossa vida espiritual não é idêntica à de Deus ou à de Nosso Senhor. É distinta delas, mas assemelha-se a uma e outra. – A *nossa vida* consiste em fazer uso dos dons divinos para viver em Deus e para Deus, para viver em união com Jesus, imitando-o. Posto que persiste em nós a tríplice concupiscência (nº 68), devemos combatê-la contínua e esforçadamente para conservar essa vida sobrenatural em nós. Por outro lado, como Deus nos dotou de um organismo sobrenatural, incumbe a nós desenvolvê-lo por meio de *atos meritórios* e da fervorosa recepção dos sacramentos.

A definição acima (nº 73) deve ser compreendida no sentido que acabamos de expor. Todo esse capítulo versará somente sobre a explicação e o desenvolvimento dessa vida, o que permitirá extrair conclusões práticas sobre a devoção à SS. Trindade, sobre a devoção e união com o Verbo Encarnado, e até mesmo sobre a devoção à SS. Virgem e aos Santos, que decorrem das relações com o Verbo Encarnado.

A ação de Deus e da alma na vida cristã desenvolve-se, por assim dizer, paralelamente. Assim, para maior clareza, trataremos o tema em dois artigos sucessivos: a *função de Deus* e a *função do homem* na vida cristã.

DEUS OPERA EM NÓS

Por si mesmo

- Habita em nós. Logo: devoção à SS. Trindade
- Dota-nos de um organismo sobrenatural

Pelo seu verbo encarnado que é principalmente:

- Causa meritória da nossa vida
- Causa exemplar da nossa vida
- Causa vital da nossa vida
- Logo: devoção ao verbo encarnado

Por Maria que é secundariamente:

- Causa meritória da nossa vida
- Causa exemplar da nossa vida
- Causa distribuidora de graças

Pelos Santos e Anjos

- Imagens vivas de Deus: venerá-los
- Intercessores: invocá-los
- Modelos: imitá-los